

“SER ITALIANO QUER DIZER DOMINAR TODAS AS RAÇAS”: MARINETTI EM LISBOA

GIANLUCA MIRAGLIA*

SE PROCURARMOS saber algo da viagem de Marinetti a Lisboa em 1932, nos livros ou artigos que a referem, encontramos opiniões mais do que factos. Quem relata a breve passagem pela capital portuguesa por parte do chefe do futurismo foge à descrição pormenorizada do que realmente aconteceu no dia 23 de Novembro e resvala inevitavelmente para o comentário irónico, trocista, jocoso sobre o vanguardista que virou académico e, trajado a rigor, anda a passear por Lisboa em companhia do famigerado J. Dantas “inimigo do futurismo” que, como é notório, segundo a historiografia literária, simboliza todos os males da literatura oficial e academizante do princípio do século XX. Afinal, o que se nos depara não passa de uma glosa, por vezes brilhante, do célebre artigo de Almada Negreiros, “Um ponto no i do futurismo”¹, e do ainda mais conhecido poema de A. de Campos, “Marinetti académico”².

* Doutorado pela Universidade de Bolonha e investigador do Centro de Tradições Populares Portuguesas da Universidade Clássica de Lisboa. Preparou uma edição dos *Contos* de A. do Carvalho (Assírio&Alvim, 2005) e, em colaboração com M. Sacco, organizou, prefaciou e traduziu a antologia de narrativa breve *L'anima navigante: racconti dal Portogallo* (Besa, 2006).

¹ *Diário de Lisboa*, 25-XI-1932.

² Cf. como exemplo mais recente desta prática o verbete dedicado a Marinetti no *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, coord. F.Cabral Martins, Caminho, Lisboa, 2008.

Acerca dessa vulgata impõem-se, de imediato, duas reflexões. Em primeiro lugar, quem ler na íntegra, e com a devida atenção, o artigo de Almada, fica com a nítida impressão que o que mais irritou nesse dia o autor de *A Invenção do Dia Claro* foi a actuação de A. Ferro, o antigo companheiro dos anos de Orpheu, e mais precisamente a forma como este tirou proveito da presença de Marinetti em Lisboa para alcançar os seus objectivos pessoais. A polémica entre os dois é, na verdade, um assunto interno ao meio literário português de então, a exigir um estudo aprofundado³. A vinda de Marinetti acabou por exacerbá-la, mas não foi de modo algum a sua origem. Dito isto, é evidente que o esquecimento por parte de Marinetti dos futuristas portugueses, cujas obras conhecia, magoou profundamente Almada que fora o seu mais fervoroso admirador e o mais consequente discípulo em Portugal⁴.

Em segundo lugar, convém matizar, senão mesmo corrigir algumas ideias comumente aceites pela crítica literá-

³ Na origem da polémica encontra-se o artigo “Política do Espírito” de A. Ferro, em *Diário de Notícias* de 21 de Novembro de 1932. Para além da citada intervenção de A. Negreiros, com réplica no *Diário de Lisboa*, de 29 de Novembro, lembre-se, pelo menos, o texto de A. Ferro, “A lição de Marinetti”, *Diário de Notícias*, 29-XI-1932.

⁴ A admiração de Almada por Marinetti não acaba com os anos de ouro do primeiro modernismo, ainda em 1933 na palestra *A arte e os artistas*, ao falar do futurismo, Almada escreve “Marinetti, da raça dos *condottieri* e essencialmente poeta, foi o seu genial inventor e bem pronto intervém decisivamente na política da sua colectividade” (*Obras completas*, INCM, 1992, vol. VI, pp. 67-89). Num artigo publicado em 1935, Almada resume a sua relação pessoal com Marinetti: “Quando em Abril de 1930 me encontrei em Madrid com Marinetti, recordamos a sua correspondência com os poucos futuristas portugueses, o *Portugal Futurista*, e eu disse a Marinetti que ele era ingrato para com os futuristas portugueses. Marinetti repeliu energicamente a minha acusação. Porém em 1933 [sic], Marinetti vem a Portugal, é recebido oficialmente, e não aproveita esse momento excelente para saudar generosamente os seus companheiros portugueses da revolução. Apenas à última da hora, Marinetti procurou sinceramente encontrar-se connosco” (*Diário de Lisboa*, 22-III-1935).

ria portuguesa, como a de que em 1932 “Marinetti, mais velho, não é o mesmo destruidor e anticonformista de 1909: o mitómano dos manifestos e o Orpheu da velocidade e do progresso é agora um respeitável senhor com mais de setenta anos”⁵. Afirmções como esta levam o leitor menos esclarecido a imaginar um artista aburguesado, que, após o período da revolta, dos anos heróicos entre 1909 e 1920, tenha abdicado dos seus ideais, ou, pior, tenha regressado a uma estética pré-moderna, o que, e demonstra-o a actividade literária de Marinetti nos anos 20 e 30, não corresponde de maneira alguma à realidade⁶. Nestas afirmações, há uma identificação apressada entre o percurso político e existencial de Marinetti, a sua adesão ao regime fascista e o ser eleito académico, e a sua parábola artística. Esta última, será oportuno reafirmá-lo, não apresenta inversões ou arrependimentos, antes, Marinetti, embora com alguma notória contradição ou algum oportuno *aggiornamento*, manteve-se substancialmente fiel aos ideais estéticos proclamados nos vários *manifesti*, lançados nas primeiras duas décadas do século XX, até ao fim da sua vida.

⁵ Carlos D’Alge, *A experiência futurista e a geração de Orfeu*, ICLP, Lisboa, 1989, p.104. Cf. também J. Alves das Neves, *O movimento futurista em Portugal*, Dinalivro, Lisboa, 2ª edição, 1987, p. 23: “Mas, em 1926, já o líder futurista se desviara francamente da revolução artístico-literária, interessando-se, então, em excesso pelo fascismo italiano e caminhando, desde já, para o esquecimento”. Mais acertado será dizer que o *élan* do movimento futurista, na sua globalidade, esgotara-se no começo dos anos vinte.

⁶ No prefácio a F.T.Marinetti, *Teoria e invenzione futurista* (Mondadori, Milano, 1968), L. De Maria nota que “Marinetti, che era salito nel ’19 al fastigio della notorietà politica, tornò dopo le dimissioni a occuparsi, in sostanza, di letteratura [...] col ’20, e precisamente con *Al di là del Comunismo* scompare quasi interamente in Marinetti l’ideologo ma sopravvive il letterato, che fino all’ultimo produrrà libri su libri”. Lembramos, entre outras, obras como *Gli indomabili* (1922), *Novelle colle labbra tinte* (1930) *Spagna veloce e toro futurista* (1931), *L’Aeropoema del Golfo della Spezia* (1935), *Il Poema non umano dei tecnicismi* (1940).



Marinetti na Casa dos Italianos, *Diário de Notícias*, 24-XI-1932



Lúis Teixeira, caricatura publicada no *Diário de Notícias*, 24-XI-1932



Notícias Ilustrado, 4-XI-1932—desenho

Vejamos então os factos do dia 23 de Novembro de 1932. Marinetti chegou a Lisboa de manhã, vindo de Sevilha. À sua espera, na estação ferroviária do Barreiro, encontravam-se Luigi Mannini, o encarregado de negócios e cônsul de Itália, Luigi Calabresi, o secretário do fascio, o prof. Galante, director do Instituto Italiano, e alguns representantes da Câmara de Comércio. A comitiva, a seguir, atravessou o Tejo, para alcançar a Legação da Itália, situada no palácio do Conde de Pombeiro, ainda hoje sede da Embaixada Italiana.

Depois de umas horas de descanso, Marinetti dirigiu-se à Casa dos Italianos, nessa altura situada no Largo do Carmo, no segundo andar do número 18⁷, onde, por volta das 12 e 30, discursou perante a comunidade italiana residente em Portugal. Terá sido este o momento político da visita. O convicto fascista falou mais alto do que o futurista, como refere o *Diário de Lisboa*, “foi clássico, dizendo que a colónia italiana de Lisboa é das mais cultas e trabalhadoras que se encontram espalhadas pelo mundo”⁸, e fez o elogio do regime de Mussolini, capaz de triunfar sobre a desordem social, e do exército italiano, que provara a sua invencibilidade na guerra em África. Relembrou igualmente a importância da marcha sobre Roma, cuja efeméride fora celebrada de forma protocolar no mesmo lugar poucos dias antes. Levado pelo entusiasmo, como veremos mais à frente, excedeu-se na exaltação patriótica⁹, julgando porventura que os jornalistas locais não percebessem a língua italiana.

⁷ Cf. Laura Melania Rocchi, “Presenza culturale italiana in Portogallo nei primi decenni del XX secolo”, *Estudos Italianos em Portugal*, Nova Série, n.º 2, 2007, pp. 357-377.

⁸ *Diário de Lisboa*, 23-XI, 1932.

⁹ Com muita probabilidade Marinetti, nessa ocasião, terá reafirmado a ideia, mais vezes expressa em manifestos e publicações várias, da superioridade intelectual da nação italiana que “può e deve dominare il mondo e dirigerlo con la sua maggiore potenzialità e altezza di luce”.

Findo o encontro, Marinetti regressou à Legação de Itália, onde estava agendado um almoço para as 14 e 30. Sentaram-se à mesa, como nos informa a imprensa da época, D. Fernanda de Castro, Monteiro de Barros, secretário geral do Ministério da Instrução, Barreto da Cruz, chefe do protocolo da presidência da República, Adães Bermudes, presidente do conselho director da Sociedade das Belas Artes, Acúrcio Ferreira, chefe de redacção de *O Século*, Jorge de Faria, director de *A Voz*, os jornalistas Augusto Pinto e A. Ferro¹⁰, e Júlio Dantas. Este último deixou-nos uma interessante e bem-humorada descrição do almoço no seu livro *Páginas de memórias*¹¹. Escreve Dantas que Marinetti revelou-se “um homem culto, sociável, bem-educado, exprimindo-se com vivacidade num francês correctíssimo [...] um conversador notável”. O académico português não deixa de notar a diferença entre o “anarquista intelectual” dos anos heróicos do futurismo e o homem que se apresenta “com a sua calva socrática, o seu fraque protocolar e as suas responsabilidades de académico”, mas também expressa a sua admiração pela figura carismática de Marinetti:

começou por falar das suas conferências em Londres, Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo, e do muito que ficou devendo a essas grandes batalhas oratórias, nas quais, perante um público adverso e, por vezes, tumultuoso, aprendeu a

¹⁰ A. Ferro conheceu Marinetti, com o qual manteve troca epistolar, em 1921, veja-se o relato do breve encontro em Roma no seu artigo “Marinetti, o homem mais assobiado do mundo”, *Ilustração Portuguesa*, 8-X-1921. É provável que existam cartas de Marinetti no espólio de escritores portugueses, mas até hoje só temos conhecimento da enviada a Raul Leal em Setembro de 1921, cf. Luciana Stegagno Picchio, “Pessoa, Marinetti e il futurismo mentale della generazione dell’Orpheu”, in *Il poeta e la finzione: scritti su Fernando Pessoa*, a cura di A. Tabucchi, Tilgher-Genova, Genova, 1985, pp. 79-109.

¹¹ Portugal, 1968, pp. 125-130. Todas as citações são tiradas deste volume.

dominar-se e a dominar [...] Marinetti já não preconizava, como noutro tempo, a destruição sistemática dos museus, das bibliotecas e das catedrais; pretendia, entretanto, que a arte, como a política, “devem libertar-se da preocupação linfática do passado e projectar-se, como formidáveis holofotes, sobre o futuro”. Exaltando, pouco depois, o culto de Mussolini pelas viris tradições greco-romanas, percebeu que se contradizia, sorriu, e comentou: “Para o homem inteligente, contradizer-se é viver.” Na definição da estética futurista, a sua palavra tornou-se célebre, vibrátil, metálica. Os seus gestos animaram-se. Falou da “beleza da velocidade”, fonte de uma nova estética, das “maravilhas da máquina, criadora do homem novo”, e disse, convictamente, mal “desse deplorável Ruskin, com a sua nostalgia dos queijos homéricos, o seu horror pelas máquinas e a sua mania da simplicidade e da primitividade”. Cinco minutos depois, contradizia-se outra vez: “Nós, futuristas, libertámos a palavras: somos primitivos, sintéticos e simples”. Quando eu aludi ao seu temerário discurso contra a *pasta asciutta* – o tradicional macarrão italiano –, que ele tornara responsável pelos vícios de nutrição e pela pouca agilidade dos seus compatriotas, a fisionomia de Marinetti resplandeceu. Compreendi que tinha acabado de tocar numa das questões gratas ao seu espírito. Com efeito, Marinetti publicou, há pouco tempo, um dos seus livros de maior êxito – que me penitencio de não conhecer – sobre a “cozinha futurista”. “É preciso revolucionar a cozinha!” – exclamou o poeta. A melhor maneira de conhecer um povo é perguntar o que ele come. A crise inglesa e a baixa da libra provieram do culto do anglo-saxão pelas refeições suculentas. Impõe-se a necessidade de disciplinar e espiritualizar a alimentação, convertendo o prazer da mesa num prazer não apenas do gosto, mas da vista, do tacto e do olfacto. Marinetti descreveu-nos então perante a risonha curiosidade das senhoras que assistiam ao almoço, os sete banquetes futuristas já realizados na Itália – o primeiro dos quais em Milão.



Almada Negreiros, desenho humorístico, *Sempre Fixe*, 5-I-1933.

E chegamos ao momento alto da visita, a conferência “A Itália de hoje e o futurismo mundial” que Marinetti proferiu na Sociedade de Belas Artes às 21 e 30. A apresentação do orador esteve a cargo do professor Galante, de A. Bermudes, que foi apupado por um grupo de rapazes¹², e de A. Ferro. Perante a sala cheia, Marinetti falou por uma hora e meia, cativando a atenção da audiência¹³. No jornal *O Século*

¹² Cf. Luiz Teixeira, “Marinetti discutido: carta ao meu vizinho burguês”, em *Notícias Ilustrado*, 4 de Dezembro de 1932.

¹³ No artigo “A conferência de Marinetti e os paradoxos a que deu lugar” (*Diário de Lisboa*, 24-XI-1932), temos uma descrição da assistência heterogênea: “Sousa Lopes, pintor, Joaquim Leitão, mais académico dos académicos, e Agostinho de Campos, futurista do passado. Toda a fileira dos novos, os *gros bonnets* azuis, os integralistas da arte, os “camelots” da idade nova – pintores, escritores, poetas, publicistas, sangue na guelra, lume no olho, audácia no pincel e na pena, fê nos corações. Os românticos do avesso. Almada Negreiros, António Soares, Bernardo Marques, Sara Afonso, para só falar nos testas de coluna”. Tudo leva a crer que Fernando Pessoa não esteve presente, pelo menos não há referências a este respeito na imprensa da época, nem, que se saiba, no seu espólio.

encontramos a descrição mais pormenorizada e completa da conferência:

O conferente, ao principiar, acentuou a vastidão do assunto proposto, para ser tratado numa única conferência, o que, no entanto, poderia ser conseguido, aproveitando-se “uma das características” do “futurismo” – a intensidade aliada à velocidade. Dessa mesma característica – disse – usou para, na sua rápida chegada e visita a Lisboa, receber dela uma impressão forte que, amavelmente, confessou ser muito agradável, prometendo voltar a esta capital, para então recitar a composição poética futurista que a vista de Lisboa, lhe inspirou. Disse que o movimento futurista é mundial, embora diferente em cada nação, e, especialmente, na Itália. Historiou a fase em que ele, há 23 anos, surgiu naquela nação as lutas que sustentou e a luta que ainda hoje mantém. Acentuadamente, o sr. Marinetti afirmou que o futurismo tem, cada dia, novas fases, porque não se cansa, busca sempre novos temas e é como uma higiene espiritual, procurando “lavar” o espírito, ao dizer do conferente, para o ter sempre pronto a aceitar assuntos e formas novas, livre das influências dos mestres do passado. Assim notou que o “futurismo” não veio como outros movimentos literários e artísticos, desempenhar uma função que caducara após determinado momento histórico. É, antes, um movimento actual, em cada dia que surge, a religião da velocidade e a confiança do dia seguinte.

O sr. Marinetti examinou, seguidamente, o conceito que filósofos e teósofos tem feito do “futurismo”. Nessa crítica o orador falou, de passagem, em bibliotecas e museus para as quais se mostrou irreverente, porque dão aos que os frequentam o ritmo demorado do passado, impregnado do melancólico, e quase fez o elogio da ignorância como estado do espírito capaz de receber todas as novidades.

O conferente referiu-se ao antigo chefe do movimento futurista do Rio de Janeiro, Graça Aranha, apreciando e aceitando a sua

opinião de que o “futurismo” livra a sensibilidade da tirania da estética, e passou a entreter o auditório na exploração dum tema novo, do grito da poesia futurista – a máquina. Falou, ainda, do cubismo, como manifestação futurista, da feição do dadaísmo, e, depois, da necessidade de novas formas, novos assuntos, dentro da poesia futurista que, acompanhando o progresso material, tem que ser rápida e sintética. A síntese é, de resto – disse – uma característica de todas as modalidades do “futurismo”. Afirmou a necessidade do verso solto, para a poesia futurista, e criticou os velhos e repetidos temas que os poetas costumam cantar. Deu ideia do que deve ser a nossa forma poética, alheia à sintaxe, com palavras em movimento livre, em estilo quase telegráfico. O sr. Marinetti quis, em seguida, apresentar uma amostra das poesias que defendeu e assim, recitou três poesias ao gosto “futurista”, de forma nova, uma delas – “O bombardeamento de Andrinopla” – escrita em termos onomatopaicos, e dita duma maneira original. Falou, ainda, da cozinha futurista, da arte sacra futurista e da aeropintura e aero-poesia, modalidades do “futurismo”, assim concluindo a sua exposição.

Merece um comentário, antes de mais, a composição literária, inspirada na breve visita a Lisboa, que Marinetti promete apresentar por ocasião do seu regresso. Como sabemos, o escritor, que a 24 de Novembro embarcou no *Vulcânia*, não voltaria a Lisboa e no seu espólio não há rasto de tal composição. Provavelmente, a promessa, não passou de um gesto de charme para lisonjear o público local. Acrescenta-se que nos cadernos que coligem as suas notas de viagem não figuram as suas impressões sobre a breve passagem por Portugal. Em segundo lugar, o relato da imprensa leva a concluir que a conferência proferida, em francês, na Sociedade de Belas Artes seria semelhante às que o fundador do futurismo foi dando noutros lugares da Europa e do Mundo, ou seja, uma apresentação global da estética futurista, em

todos os campos artísticos, seguida de uma verdadeira performance com a declamação de alguns dos seus mais conhecidos poemas. A este respeito, se, por um lado, podemos concordar com as célebres palavras de Almada, “para os futuristas portugueses [...] o que Marinetti lhes trouxe é velho de 23 anos e um dia, nem mais nem menos. E para os que não são futuristas a tarefa do chefe deve ter sido esplendidamente inútil ou um bom número de variedades...”, devemos igualmente salientar que, para muitos dos que estiveram na Sociedade das Belas Artes, aquela conferência constituiu uma experiência sem-par: o primeiro e único contacto directo com o futurismo¹⁴.

É um facto curioso, aliás, que aproximadamente na mesma altura em que Marinetti reiterava com imperturbável e teimosa coerência, indiferente ao passar do tempo e das modas, o que desde há duas décadas vinha proclamando, e deste modo brindava o público lisboeta com uma verdadeira conferência futurista e vanguardista, quem o escarnecia nas páginas dos jornais navegava já noutras águas estéticas, dando palestras que seguramente não tinham nada a ver com números de variedades, mas também pouco com a vanguarda¹⁵.

¹⁴ Para Almada o que aconteceu no salão da Sociedade Nacional de Belas Artes, foi “a vitória dos inimigos declarados do futurismo”, enquanto A. Ferro expressa opinião contrária: “Não quero afirmar, evidentemente, que a prelecção de Marinetti sobre o futurismo histórico, sobre o futurismo técnico, tivesse sido inútil e deslocada. Se essa prelecção não era necessária, se bem que sempre nova através do verbo de Marinetti, para as duas dúzias de vanguardistas que estiveram na Sociedade das Belas Artes, ela foi duma grande utilidade e duma grande oportunidade para os autênticos e tradicionais inimigos do futurismo que se encontravam na sala e que, se não foram convencidos... ver trezentas ou quatrocentas pessoas, que se tinham habituado a rir do nome de Marinetti e das suas ideias, aplaudir com delírio o criador do futurismo, é algo de sobrenatural que me faz olhar essa conferência como uma das maiores vitórias da vanguarda portuguesa” (“A lição de Marinetti”, *Diário de Notícias*, 29-XI-1932)

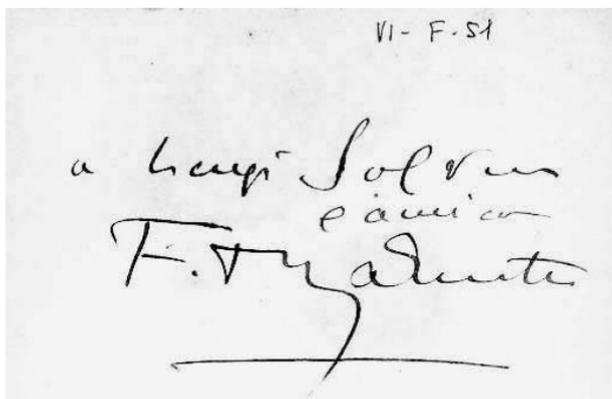
¹⁵ Cf. O. Silvestre, “A ideologia do estético no jovem Almada (1917-1933)”, *Revista Colóquio/ Letras*, n.º 149/150, Jul. 1998, pp.21-34.

Outras referências na imprensa confirmam o brilhantismo de Marinetti naquela noite de 23 de Novembro de 1932¹⁶, e podemos concluir que a conferência foi um êxito. Todavia nem tudo o que Marinetti disse durante o dia que passou em Lisboa foi bem aceite pela imprensa local. Em particular a frase que dá o título a este artigo suscitou uma vigorosa reacção nos jornais. Entre os vários comentários ressalta o que saiu na 1ª página do *Diário de Lisboa*, de 24 de Novembro, e no qual, ‘con il senno di poi’, podemos ver uma involuntária ironia trágica:

“Ser italiano é dominar todas as raças” disse Marinetti na “Casa dos Italianos”, perante os jornalistas portugueses que assistiram ali à recepção feita ao inventor do “futurismo”. Não se pode chamar amabilidade a essa frase arrogante, proferida em terra estranha, cujos habitantes, aliás, se achavam dispostos a acolher

¹⁶ Veja-se o *Diário de Notícias* de 24 de Novembro: “Quantos ouviram sabem demasiadamente como é difícil dar uma impressão, uma ideia mesmo, do que foi a sua admirável conferência. Pela fluência da palavra brilhante, num francês impecável. Pela imprevisível beleza de imagens sucessivas e rápidas. Pela variedade dos assuntos que abordou. Pela finura espiritual, a graça, o poder insinuante, que pôs em tudo quanto disse. E até pela própria força da sua lógica, do seu entusiasmo, da sua fé aliciadora. Marinetti não disse coisas inúteis. Não fez literatura ou oratória de banalidade. E, se, uma ou outra vez, chocou alguns ouvidos com a sua irreverência, o arrojo de suas teorias, a verdade dos seus comentários e críticas, impressionou profundamente pela sua originalidade e pela essência pura dos seus conceitos [...]. As considerações que mais impressionaram o auditório foram as que fez sobre pintura, sobre arquitectura e sobre música, e ainda a expressão da poesia moderna, do verso livre e das palavras em liberdade”. M. de Carvalho no *Diário de Lisboa*, a 26 de Novembro, escreve que “não houve um momento de desatenção, de fadiga ou de enfado”. Também Agostinho de Campos, se bem com ironia, reconhece o brilhantismo do orador: “À noite, ouvimos uma conferência do ilustre académico italiano Marinetti, que nos extasiou durante hora e meia, rebelando-se contra a sintaxe de acordo com todas as regras da sintaxe e cobrindo de impropérios o passado, onde se embebem as raízes da sua inteligência invejável, do seu grande talento e da sua comunicativa filosofia”(O *Comércio do Porto*, 27-XI-1932).

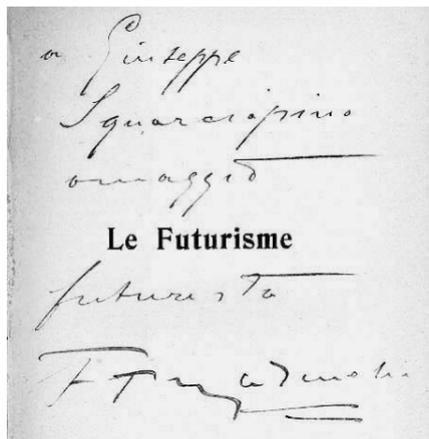
Marinetti o melhor possível. É possível que os italianos sejam capazes de dominar – não se sabe quando – todas as raças... e mais uma. É possível... mas não se tem visto... se a afirmação do poeta célebre for de tanto futuro como “o futurismo”, não há porém razão para sustos...



VI - F - 51

a Luigi Solera
amico
F. T. Marinetti

Autógrafo de Marinetti no livro *Zang Tumb Tuum*, Milano, 1914, guardado na Biblioteca do Instituto Italiano



a Giuseppe
Squarcialupi
omaggio

Le Futurisme

futureista

F. T. Marinetti

Dedicatória assinada por Marinetti no livro *Le futurisme* (Paris, 1911) da Biblioteca do Instituto Italiano de Lisboa